

Queremos um mundo em que é preciso ir ao museu para ver como é uma arma | Carta semanal 44 (2024)



Uuriintuya Dagvasambuu (Mongólia), *Flutuando no vento*, 2023.

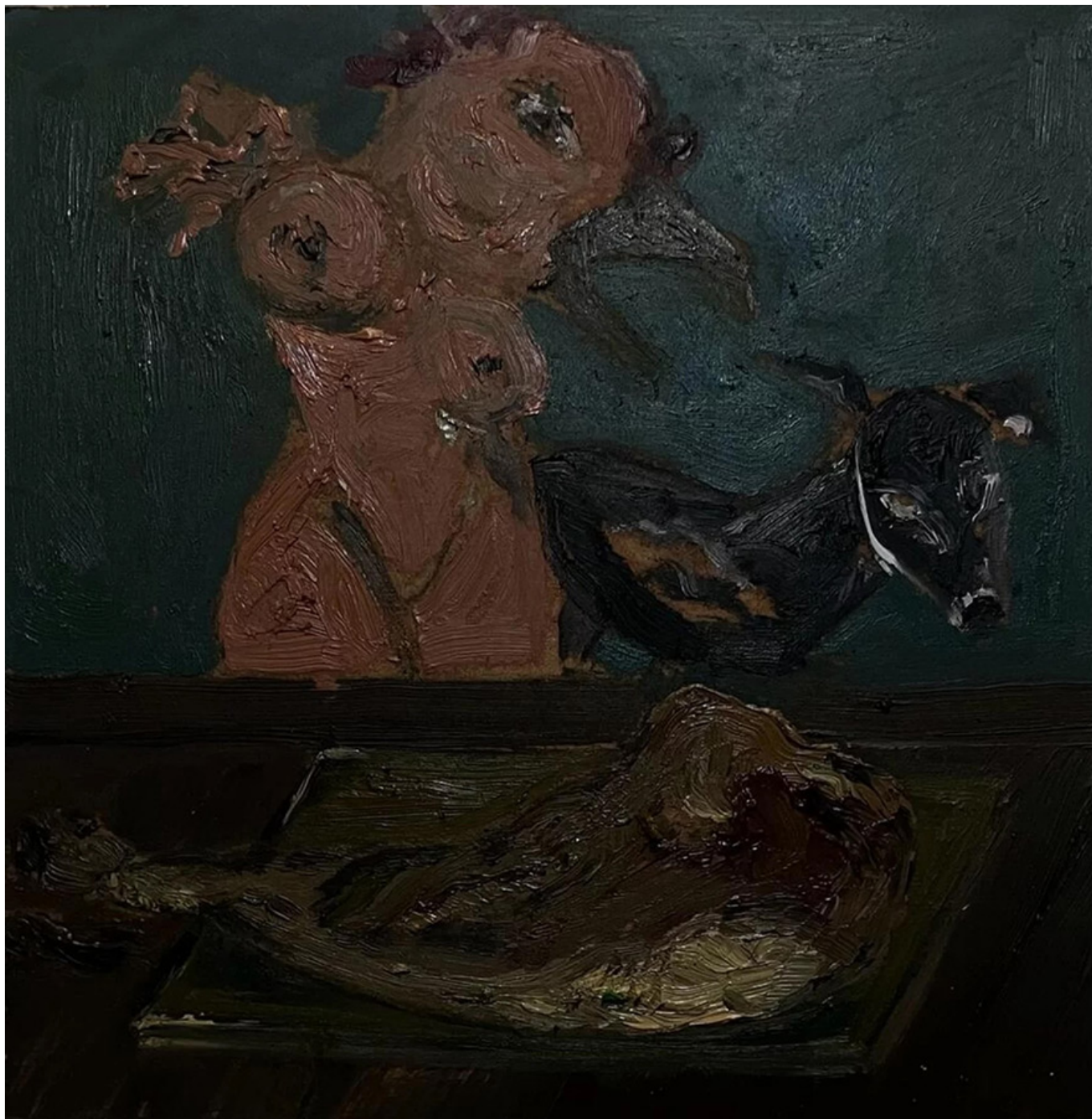
Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 1919, Winston Churchill **escreveu**: “Sou totalmente a favor do uso de gás venenoso contra tribos incivilizadas”. Churchill, que na época lutava contra a rebelião curda no norte do Iraque como secretário de Estado britânico para a guerra e o ar, argumentou que o uso de gás “espalharia um terror vivo e, ainda assim, não deixaria efeitos permanentes graves na maioria das pessoas afetadas”.

A “**Guerra a gás**” foi empregada pela primeira vez pela França em agosto de 1914 (durante a Primeira Guerra Mundial) usando gás lacrimogêneo, seguida pela Alemanha com o uso de cloro, em abril de 1915, e fosgênio (que entra nos pulmões e causa asfixia), em dezembro de 1915. Em 1918, o homem que desenvolveu o uso de cloro e fosgênio como armas, Dr. Fritz Haber (1868-1934), ganhou o **Prêmio Nobel de Química**. É um triste fato que Haber também desenvolveu os inseticidas hidrocianetos **Zyklon A e Zyklon B**, o último dos quais foi usado para matar seis milhões de judeus no Holocausto, incluindo alguns membros de sua família. Em 1925, o Protocolo de Genebra **proibiu** o “uso em guerra de gases asfixiantes, venenosos ou outros gases, e de métodos bacteriológicos de guerra”, refutando a alegação de Churchill de que essas armas “não deixam

efeitos permanentes graves na maioria das pessoas afetadas”. Sua avaliação não passa de propaganda de guerra que desconsidera a vida de povos como as “tribos incivilizadas” contra as quais esses gases foram usados. Como um soldado indiano **anônimo escreveu** em uma carta para casa por volta de 1915, enquanto caminhava pela lama e pelo gás nas trincheiras da Europa: “Não pense que isso é uma guerra. Isso não é uma guerra. É o fim do mundo”.



Maitha Abdalla (Emirados Árabes Unidos), *Entre o chão e o toldo*, 2023.

Após a guerra, Virginia Woolf escreveu em seu romance *Mrs. Dalloway* sobre um ex-soldado que, dominado pelo medo, diz: “O mundo oscilava, tremia e ameaçava explodir em chamas”. Esse sentimento não se aplica

apenas ao transtorno de estresse pós-traumático desse ex-soldado: é como quase todo mundo se sente, cercado pelo medo de um mundo em chamas e incapaz de fazer qualquer coisa para evitá-lo.

Essas palavras ressoam hoje com as provocações da Otan na Ucrânia, colocando na mesa a possibilidade de um **inverno nuclear**, e com o mundo assistindo, horrorizado, ao genocídio **cometido** pelos EUA e Israel contra o povo palestino. Lembrar essas palavras nos faz pensar: será que podemos acordar desse pesadelo de um século, esfregar os olhos e perceber que é possível uma vida sem guerra? Tal maravilha vem de um espasmo de esperança, não de qualquer evidência real. Estamos cansados da carnificina e da morte. Queremos um fim permanente para a guerra.



Ismael Al-Sheikhly (Iraque), *Vendedores de melancia*, 1958

Em sua 16ª reunião de cúpula, em outubro, os nove membros do BRICS emitiram a Declaração de Kazan, na qual expressaram preocupação com “o aumento da violência” e “os contínuos conflitos armados em diferentes partes do mundo”. O diálogo, concluíram, é melhor do que a guerra. O teor dessa declaração ecoa as negociações de 1961 entre John McCloy, consultor de controle de armas do presidente dos EUA, John F. Kennedy, e Valerian A. Zorin, embaixador soviético nas Nações Unidas. Os Acordos McCloy-Zorin sobre os

Princípios Acordados para o Desarmamento Geral e Completo **estabeleceram** dois pontos importantes: primeiro, que deveria haver “desarmamento geral e completo” e, segundo, que a guerra não deveria mais ser “um instrumento para resolver problemas internacionais”. Nada disso está em pauta hoje, já que o Norte Global, com os EUA à frente, cospe fogo como um dragão furioso, não querendo negociar com seu adversário de boa fé. A arrogância que se instalou após **o colapso** da União Soviética em 1991 permanece. Em sua coletiva de imprensa em Kazan, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, **disse a** Steve Rosenberg, da BBC, que os líderes do Norte Global “sempre tentam colocar [os russos] em nosso lugar” em suas reuniões e reduzir “a Rússia ao *status* de um Estado de segunda classe”. É essa atitude de superioridade que define as relações do Norte com o Sul. O mundo quer paz e, para isso, deve haver negociações de boa-fé e em termos iguais.



Reem Al Jeally (Sudão), بحر العطاء [O mar da doação], 2016.

A paz pode ser entendida de duas maneiras diferentes: como paz passiva ou como paz ativa. A paz passiva é a paz que existe quando há uma relativa ausência de guerra contínua, mas os países em todo o mundo continuam a construir seus arsenais militares. Atualmente, os gastos militares sobrecarregam os orçamentos de muitos países: mesmo quando as armas não são disparadas, elas continuam sendo compradas. Essa é a paz de um tipo passivo.

A paz ativa é uma paz na qual a preciosa riqueza da sociedade é usada para acabar com os dilemas enfrentados pela humanidade. Uma paz ativa não é apenas o fim do tiroteio e dos gastos militares, mas um aumento drástico nos gastos sociais para acabar com problemas como pobreza, fome, analfabetismo e desesperança. O desenvolvimento — em outras palavras, a superação dos problemas sociais que a humanidade herdou do passado e reproduz no presente — depende de uma condição de paz ativa. A riqueza, que é produzida pela sociedade, não deve aumentar os bolsos dos ricos e alimentar os motores de guerra, mas encher a barriga de muitos.

Queremos cessar-fogo, sem dúvida, mas queremos mais que isso. Queremos um mundo de paz e desenvolvimento ativos.

Queremos um mundo em que nossos netos tenham que ir a um museu para ver como é uma arma.



Hassan Hajjaj (Marrocos), *Anjos de henna*, 2010.

Em 1968, a poeta comunista estadunidense Muriel Rukeyser escreveu “Poem (I Lived in the First Century of World Wars)”. Lembro-me com frequência da frase sobre os jornais que publicam “histórias descuidadas” e das reflexões de Rukeyser sobre a possibilidade ou não de despertarmos de nossa amnésia:

Eu vivi no primeiro século de guerras mundiais.
Na maioria das manhãs, eu ficava mais ou menos louco,
Os jornais chegavam com suas histórias descuidadas,
As notícias saíam de vários dispositivos
Interrompido por tentativas de vender produtos para os invisíveis.
Eu ligava para meus amigos em outros dispositivos;
Eles estavam mais ou menos furiosos por motivos semelhantes.
Aos poucos, passei a usar caneta e papel,
A fazer meus poemas para outros invisíveis e não nascidos.
Durante o dia, eu me lembrava desses homens e mulheres,
Corajoso, estabelecendo sinais através de grandes distâncias,
Considerando um modo de vida sem nome, de valores quase inimagináveis.
Enquanto as luzes escureciam, e as luzes da noite brilhavam,
Tentávamos imaginá-los, tentávamos encontrar um ao outro,
Construir a paz, fazer amor, reconciliar
Acordar com o sono, nós mesmos uns com os outros,
Nós mesmos com nós mesmos. Tentaríamos de todas as formas
Para alcançar os limites de nós mesmos, para ir além de nós mesmos,
Deixar de lado os meios, acordar.

Eu vivi no primeiro século dessas guerras.

Você consegue ir além de si mesmo?

Cordialmente,

Vijay